

A musicalização no desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista: uma abordagem bibliográfica

Comunicação

Pablínia Lisboa
Universidade Federal de Goiás
pablinialisboa@discente.ufg.br

Nilceia Protásio
Universidade Federal de Goiás
nilceia.protasio@ufg.br

Resumo: A presente pesquisa tem como motivação refletir sobre as contribuições do ensino de música para o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e musical de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os objetivos consistem em: a) Compreender como interagem as crianças com TEA quando inseridas no contexto musical; b) Analisar as contribuições da musicalização para a cognição e a socioafetividade de crianças autistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, que busca traçar um panorama teórico condizente com a literatura sobre música e autismo. Alguns autores embasam esta pesquisa, contemplando as áreas: da educação musical, do transtorno do espectro autista e da psicologia da aprendizagem. Para as crianças com autismo, a musicalização favorece ainda mais a participação nas aulas, aproximando-a de um ambiente musicalmente compartilhado. De modo mais específico, identificamos fatores determinantes na ação pedagógica com crianças autistas, como: escolha e manuseio de instrumentos musicais, particularidade na expressividade, manifestação das emoções em relação ao estímulo sonoro, individualidade na relação tempo, espaço e energia, e peculiaridade na forma de atenção, comunicação e socialização. Reconhecemos que o conhecimento teórico de alguns temas, como psicologia da aprendizagem, são importantes para o enfrentamento às adversidades em sala de aula.

Palavras-chave: Musicalização. Transtorno do Espectro Autista. Educação Musical Especial.

Introdução

O presente texto tem como objetivo investigar as contribuições do ensino de música para o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e musical de crianças com Transtorno

do Espectro Autista (TEA). Este trabalho se justifica por trazer conhecimento acerca de um tema relevante no campo de uma educação musical inclusiva, com destaque para a criança autista. Portanto, por meio de pesquisa bibliográfica, este trabalho visa apresentar e explorar os processos de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com TEA, por meio do ensino da música.

De acordo com Bernadinho (2013 apud Ammirati, 2021), as atividades musicais colaboram de modo significativo para a formação integral do indivíduo. Especialmente, em crianças portadoras do espectro autista, favorecem a socialização de comandos, tais como: contatos visuais, interação interpessoal, desenvolvimento de atenção, independência da linguagem e processos simbólicos, habilidades musicais, entre outros. Sobre isso, acreditamos que os educadores musicais podem prosseguir com ações pedagógicas e formativas, de modo a fomentar discussões e atuar diretamente no campo da educação musical especial.

Diante do exposto, esta pesquisa consiste em: a) Compreender como interagem as crianças com TEA quando inseridas no contexto musical; b) Analisar as contribuições da musicalização para a cognição e a socioafetividade de crianças autistas.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, que busca traçar um panorama teórico condizente com a literatura sobre música e autismo. Alguns autores embasam esta pesquisa, como Gordon (2000), Williams (1890), e Mateiro e Ilari (2011). Sobre o transtorno do espectro autista e psicologia da aprendizagem, destacamos Kanner (1953) e Louro (2021).

Preâmbulo

Segundo Liberalesso e Lacerda (2020), o termo Autismo expressa a condição na qual o indivíduo fica imerso em seu mundo interior. Em sentido etimológico, o termo se origina do grego, *Autos*, que significa “si mesmo”.

Em 1911, o autismo é associado como parte de patologias semelhantes à esquizofrenia. Posteriormente, Kanner (1943) analisa o comportamento realizado com onze crianças, onde apresenta, por meio de relatos dos pais de crianças com autismo, forte tendência ao isolamento social – o que compromete o desenvolvimento associado à teoria da mente e da cognição. Os estudos e análises sobre o Espectro Autismo contribuíram para o diagnóstico e classificação, trazendo mudanças para o Manual de Diagnóstico e Estatístico

de Transtornos Mentais. Conforme a Cartilha do Manual, DSM-5 refere-se ao diagnóstico de TEA.

O DMS-3 foi primeira versão que criou uma classe diagnóstica chamada transtorno global do desenvolvimento, na qual o autismo infantil se encaixava como uma subcategoria. Na visão da terceira edição, intitulada DSM-R, o autismo passa a ser nomeado Transtorno Autístico. (Cartilha do Manual, DSM-5, 2013, p. 4).

Selle e Ribeiro (2018) apontam que o Transtorno do Espectro autista apresenta algumas variações, entre moderada e profunda, e requer dentro destas variações alguns suportes, sendo estes:

Nível 3: Requer suporte intenso, graves deficits em comunicação verbal, ocasionando graves prejuízos no funcionamento social. Nível 2: Requer suporte grande, graves deficits em comunicação, social verbal, resposta reduzida ou anomalia ao contato social. Nível 1: Sem suporte local o deficit social ocasiona prejuízo e dificuldade de iniciar relações. (Selle; Ribeiro, 2018, p.6).

De acordo com o Manual de Orientação do Transtorno Espectro Autista (2019, p. 1), o TEA “é um transtorno no desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social”. Assim, podendo ser reconhecido por desenvolvimento atípico. O Transtorno do Espectro Autista apresenta dificuldade em mudança de rotina, comportamentos estereotipados, rigidez, dificuldade na comunicação, que variam a depender do grau do espectro autismo. “Os níveis de gravidade do autismo variam desde indivíduos incapazes de falar, com grave retardo mental, a indivíduos com uma inteligência bem acima da média” (Gatino, 2009 apud Oliveira, 2015, p.17).

Liberalesso e Lacerda (2020) apresentam características de cada grau do TEA. Defendem que o ser humano aprende a se relacionar de forma natural dentro do meio em que vive, através de repetições e hábitos, assim como por meio das relações pessoais e interpessoais. As limitações na interação e na socialização ocorrem em um padrão de comportamentos atípicos.

Um dos aspectos para melhor compreender o TEA e para uma mediação do aprendizado, é entender como se dão os déficits de comunicação, que se apresentam como dificuldades na linguagem, e em suas dimensões no processo verbal e não verbal.

Uma vez que o comportamento humano é aprendido por fenômenos de imitação seguidos de reforço – tais como gestos motores de bater palmas, acenar para pessoas em forma de cumprimento ou despedida e a própria mímica facial, o que podem não ser naturalmente incorporados ao comportamento de pessoas portadoras de TEA, necessitando de ensinamento formal. (Liberalesso; Lacerda, 2020, p. 19).

Louro (2021) aponta para outras particularidades relacionadas ao espectro autista que causam reações diversas, como: medo, ansiedade, hipersensibilidade auditiva, desconforto, vulnerabilidade por não ter noção do perigo, medo excessivo de alguma situação, automutilação e hiperatividade. Todos esses dados são fatores importantes para compreender e entender como auxiliar o aluno na condição de TEA. É de suma importância buscar meios pedagógicos que apontem para as necessidades da criança, respeitando seus limites e contribuindo para seu aprendizado.

Segundo Louro (2021), alguns fatores ligados ao aparelho auditivo recaem e comprometem o campo da linguagem e compreensão, a saber: a dificuldade de entender o que está sendo dito, o uso funcional da fala, e a dimensões da linguagem como a intencionalidade da fala e expressões. Pessoas com Espectro Autista tendem a se isolar de outras pessoas, o que prejudica sua comunicação e seu desenvolvimento social.

Sendo assim, não utilizam os componentes essenciais para desenvolvimento da linguagem e da comunicação humana tais como: jogos e brincadeiras, apontar objetos, compartilhar atenção esperar a pessoa terminar para começar a sua fala expressar com gestos que interfere diretamente na estruturação interna da linguagem e a interação social. (Louro, 2021, p. 29).

Partindo da colocação da autora, importa destacar a interação social como um fator importante para a evolução da linguagem em suas várias expressões. A criança com TEA apresenta dificuldades e restrição na convivência na atenção compartilhada. Logo, a música torna-se um estímulo no compartilhamento da atenção, do aprendizado e do fazer musical.

Ao abordar o desenvolvimento da criança autista, importa salientar os aspectos da inclusão. Tratar da inclusão é um tanto delicado, pois, a realidade ainda está distante do que se espera. Requer o engajamento de todos, assim como políticas públicas que intervenham de modo mais sensível e determinado.

Álvares e Amarante (2016) nos conduz a algumas posturas de exclusão no âmbito escolar. São posturas de discursos que dão ênfase para diagnósticos ou comorbidades, não

desassociando a pessoa com espectro autista, reduzindo-a “a esse autista”. Bogaerts, (et al., 2016, p.135) traz reflexões sobre a etimologia do termo “incluir”, nas quais destaca: “incluir vem do latim que significa envolver abranger, compreender”. Por sua vez, Louro (2012) adverte para a importância de o educador conhecer quem é o aluno e quais as suas necessidades.

Assim, é possível pensar e desenvolver ferramentas pedagógicas que podem facilitar o desenvolvimento do aluno, permitindo uma aproximação da criança, no caso com TEA, com o educador musical. A educação musical abarca de maneira integrativa os indivíduos nela envolvidos, portanto, quanto mais o professor é capaz de entender as condições do aluno, mais chance de se alcançar um aprendizado significativo – o que pode levar o indivíduo a superar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades musicais. Freire (2019, p. 103) atesta que o desenvolvimento musical é um indicador importante no desenvolvimento do indivíduo, marcado por um processo progressivo que une habilidades sensório-motoras, cognitivas, intra e interpessoais.

A educação musical e o autismo

É importante que se tenha consciência de como a sensibilidade sonora relacionada ao espectro autista pode apresentar nuances auditivas em determinado som. Isso acaba por interferir no aprendizado e no desenvolvimento das crianças. Sobre o processo de aprendizagem da música no período pré-escolar e escolar, Gordon (2000) parte do princípio de como as crianças aprendem música. Esta questão implica em saber quem é esta criança e em qual fase de desenvolvimento se encontra, para que, a partir disso, se decida quais os métodos pedagógicos utilizar. Para o autor, “As crianças aprendem a música de uma forma semelhante a que aprendem a língua” (Gordon, 2000, p. 8).

O que Gordon (2000) propõe é um processo de desenvolvimento musical desde bebê, de modo que a criança possa experimentar os sons, valorizar o brincar e o cantar de forma espontânea, vivenciando a música antes da escrita musical. Gordon cunha o termo “audiação”, que ocorre quando o indivíduo é capaz de ouvir o som mentalmente, logo, a partir da construção da memória musical. “É através da educação musical formal que uma criança continua a aprender “audiar” cognitivamente, e adicionalmente a aprender as características que geram a audição” (Gordon, 2000, p.27). Nesse sentido, a teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon busca trazer a melhor maneira de aprender música.

Entende-se que as aulas de música não devem se limitar apenas a uma recreação, pois não será suficiente para um aprendizado musical consistente.

Ilari (2013) salienta resultados de seu estudo com crianças na fase pré-escolar na cidade de Curitiba, que teve como objetivo verificar o desenvolvimento das habilidades musicais na consciência fonológica. A autora aponta que as atividades musicais, canções, atividades de ritmo, sequências sonoras e memorização promoveram não apenas a aprendizagem musical, mas o aumento de vocabulário, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, da cognição e da socialização.

Segundo pesquisa de Grandin (2017 apud Aires Filho, 2020), ocorre uma ativação na área do cérebro responsável pelo processamento da linguagem da criança autista, ao ser exposta à música.

Os problemas relacionados ao comprometimento da linguagem não são totalmente explicados pelas falhas de conexão cerebral dessas crianças, mas podem estar ligados a um estímulo subestimado do giro frontal inferior esquerdo. É como se essa área fosse um fusível que não é acionado no dia a dia. Com a música, ativamos esse fusível e proporcionamos o desenvolvimento da linguagem, melhorando a interação social e o processamento da fala. Ainda de acordo com a pesquisa, no autismo, os sistemas funcionais que processam a fala e o canto são mais efetivamente engajados para o canto que para a fala. (Aires Filho, 2020, p.30).

Diante do argumento, pode se observar que o ensino da música desenvolve a musicalidade da criança autista, permite a sua expressão e o desenvolvimento da própria comunicação.

Penna (2018) defende que a musicalização deve ser uma experiência sonora vivenciada que envolve todas as possibilidades de aprender no convívio social de modo a trazer significados. Portanto, “musicalizar é desenvolver os instrumentos necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo material sonoro musical como significativo (Penna, 2018, p. 33). Assim, é possível afirmar que o educador musical deve se atentar para um aprendizado que não se limita aos conteúdos musicais.

Nas palavras de Aires Filho (2020, p. 47),

Na musicalização das crianças com autismo, precisamos considerar a desordem sensorial como um fator decisivo na hora de planejarmos as aulas

de musicalização. Conhecer o instrumento, manuseá-lo, explorá-lo sensorialmente, tocá-lo, deixar que puxem as cordas (no caso do violão), que batam no tampo, que girem, olhem, tem se mostrado uma maneira eficiente nas nossas aulas.

O autor pontua a musicalização como algo a ser construído em comunhão com o educando. As crianças neuroatípicas podem apresentar reações de incômodo perante a um determinado estímulo musical devido à sensibilidade sensorial. Neste caso, o professor pode ressignificar com a criança através da afetividade junto aos pais, de modo a envolver a criança a trabalhar suas potencialidades. Sobre o processo de musicalização, Penna (2018) propõe uma musicalização que integre o que o aluno já traz de vivência musical, valorizando assim, o aprendiz que enriquece a aula. Para as crianças com autismo, a musicalização favorece ainda mais a participação nas aulas, aproximando a criança de um ambiente musicalmente compartilhado. Vale lembrar que cada indivíduo é único, e as crianças neuroatípicas apresentam comportamentos e respostas diferentes. Para Neves e Pazzi (2022, p. 4), “na música, podem identificar-se com um determinado instrumento por sua sonoridade e/ou forma, sendo que este instrumento pode servir como um mediador entre autistas e o seu ambiente”.

O processo de participação da criança autista nas aulas de musicalização requer que o professor se atente para alguns pontos, por exemplo: saber quem são os educandos e suas necessidades, quais os conteúdos musicais e como serão desenvolvidos. Isso implica em um bom planejamento das aulas, de modo a criar uma rotina em que os elementos musicais sejam inseridos conforme conteúdos mais apropriados, assim, mantendo um padrão metodológico nas aulas de musicalização. Importa ressaltar que as crianças neuroatípicas podem apresentar uma forte sensibilidade auditiva. Nesse caso, é importante que a criança se sinta à vontade escolhendo o instrumento musical que lhe proporcione conforto.

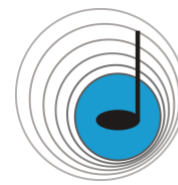
Sobre o potencial desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, alguns pedagogos da Escola Nova, com ênfase nos métodos ativos, defendem metodologias que integram o desenvolvimento musical de maneira orgânica. Nesse contexto, mencionamos o suíço Émile Jaques-Dalcroze. Mariani (2011) destaca que na metodologia dalcrozeana o desenvolvimento musical se dá por meio da mente e do corpo, na busca em traçar uma percepção sensorial e motora, tornando a aula de musicalização mais viva e orgânica. Essas



XVIII ENCONTRO REGIONAL
CENTRO-OESTE DA

ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical

conjunções proporcionam o desenvolvimento sensorio motor e mental através do movimento, como caminhar, saltar, parar, bater palmas e uma serie de competências do desenvolvimento da coordenação associados à audição.

Por sua vez, Edgar Willems (1970, p.10 apud Parejo, 2011) destaca, nessa filosofia, a integração dos movimentos naturais e, sobretudo, a percepção auditiva associada à melodia, permitindo a expressividade do aluno. Esse processo faz transitar do concreto para abstrato, do simples para o complexo, proporcionando relações no próprio desenvolvimento pessoal e musical. Nesse sentido, a musicalização infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança com autismo, que por meio desses estímulos pode adquirir uma sensibilidade perceptiva de si mesma e do outro.

Quando trazemos essa concepção para o universo da educação musical especial, mais especificamente para lidar com crianças autistas, o uso da arte como linguagem pode proporcionar avanços significativos, como a melhoria da interação e do engajamento social, diminuindo o ensimesmamento característico do TEA. (Aires Filho, 2019, p. 8).

Há que se observar tamanha abrangência do universo musical, possibilitando a integração do indivíduo, bem como considerar sua expressividade com acolhimento em suas diferentes formas de ser. Partindo dessa consciência, a educação musical alcança o indivíduo como um todo. Assim,

A música afeta o indivíduo em sua globalidade, contribuindo em questões não estritamente musicais, como, por exemplo, nos déficits decorrentes da sintomatologia autista (socialização, comunicação e comportamento); no desenvolvimento cognitivo, beneficiando a capacidade de imitação, concentração, atenção, observação e percepção; e na movimentação corporal, desenvolvendo o andar, parar, correr, gesticular, dançar e pular. (Oliveira, 2015 apud Aires Filho, 2020, p.14).

Atentando-se para o foco e recorte do presente trabalho, não serão incluídas algumas experiências e situações vividas em uma escola de Goiânia/GO, nas séries iniciais de 1º ao 5º anos. Esperamos abordar este tópico em uma próxima oportunidade. Esse relato se apresentará como conteúdo dialógico e complementar ao que foi descrito, se considerarmos a problemática atual e a necessidade oportuna de se tratar a relação entre o transtorno do espectro autista e a educação musical na concretude da realidade.

27 a 29 de novembro de 2024
Goiânia-Goiás | Instituto Federal de Goiás



www.abem.mus.br

Comentários finais

Buscou-se, por meio deste trabalho, traçar um panorama teórico que favorecesse a compreensão dos aspectos particulares da pessoa com transtorno do espectro autista, bem como uma inserção mais adequada na musicalização. Reconhecemos que o conhecimento teórico de alguns temas, como psicologia da aprendizagem, são importantes para o enfrentamento às adversidades em sala de aula. Ao mesmo tempo, identificamos outros fatores determinantes na ação pedagógica com crianças autistas, como: escolha e manuseio de instrumentos musicais, particularidade na expressividade, manifestação das emoções em relação ao estímulo sonoro, individualidade na relação tempo, espaço e energia, e peculiaridade na forma de atenção, comunicação e socialização.

O autismo é um tema recente e pouco explorado na educação musical. Logo, este trabalho se coloca como uma saudável provocação e como algo que possa germinar de forma dinâmica e contínua. De fato, há uma abrangência na Educação Musical Especial que a própria ciência vai fazer esclarecer. Que o ensino de música com crianças possa atuar nessa abrangência.

Referências

AIRES FILHO, Sérgio A. A. Música e a Linguagem? E o que o autismo tem a ver com isso? XXIX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. *Anais...* Pelotas/RS. 2019 Disponível em https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5601/public/5601-20612-2-PB

AIRES FILHO, Sérgio A. A. *Educação musical e autismo: um estudo sobre desenvolvimento das crianças autistas na musicalização infantil*. João Pessoa 2020. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26717/1/SergioAlexandreDeAlmeidaAiresFilho_Dissert.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2024

ÁLVARES, Sydentricker, Thelma, AMARANTE, Paulo. *Educação Musical Na Adversidade Construindo um olhar de Reconhecimento Humano e Equidade Social em Educação*. Curitiba: CRV. 2016.

AMMIRATI, Aguiar, Gabriel. Autismo e Música: Reflexões sobre o Transtorno no contexto da Educação Musical. *Música em Foco*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 18-27, 2021. Disponível em <https://periodicos.ia.unesp.br/index.php/musicaemfoco/article/view/680> Acesso em: 03 Mai.2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION DSM-5 ®. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>.

BRASIL, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>>. Acesso em: 04 Abr. 2024.

BOGAERTS, Jeanine. Educação. Proposta de Atividades Para uma Turma formada por crianças surdas e ouvintes. *Música na Diversidade*. ÁLVARES, Sydenstricker, Thelma. AMARANTE, Paulo. Curitiba; CRV. 2016. p. 135-165.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Transtorno do Espectro do Autismo*. 2019. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FREIRE, Marina Horta. *Estudos de musicoterapia improvisacional musicocentrada e desenvolvimento musical de crianças com autismo*. 165 f. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GORDON, Edwin. *Teoria da Aprendizagem Musical: Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GORDON, E. Edwin. *Teoria de Aprendizagem Musical Para Recém-nascidos e Crianças em Idade Pré-Escolar*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.

ILARI, Beatriz. BROOCK, Angelina. (Orgs). *Música e Educação Infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

KANNER, Leo. *Autistic Disturbances of Affective Contact*. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Autistic+Disturbances+of+Affective+Contact.&btnG=>>. Acesso em: 03 Mai. 2023.

LIBERALESSO, Paulo, LACERDA, Lucelmo. *Autismo Compreensão e Prática Baseada em Evidências*. Curitiba/PR, 2020.

LOURO, Viviane. *Educação Musical, Autismo e Neurociência*, Curitiba/PR: Appris, 2021.

LOURO, Viviane. *Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência*. São Paulo/SP: Som, 2012.

MARIANI, Silvana. Émile Jaques – Dalcroze a Música e o Movimento. MONTEIRO, Teresa, ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011, p. 25-54.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. *Desenvolvimento musical de crianças autistas em diferentes contextos de aprendizagem: um estudo exploratório*. 2015. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?as_vis=0&q=OLIVEIRA>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PAREJO, Eny. Edgar Willems Um Pioneiro da Educação Musical. MONTEIRO, Teresa, ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011, p. 89-123.

SELLE, Ana, Carolina. RIBEIRO, Mendonça, Daniela. *Análise do comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista*. Curitiba: Appiris, 2018. Disponível em:
https://www.google.com.br/books/edition/An%C3%A1lise_do_Comportamento_Aplicada_ao_Tr/9qZyDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1

TERESA, M.; PARIZZI, B.; NUNES, N. *O Ensino de Piano e o Transtorno do Espectro do Autismo*. Piano teaching and Autism Spectrum Disorder. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1785/public/1785-7872-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.